

Área de submissão: Produção Agrícola, Agroecologia; Fitossanidade; Ciência do Solo

O CULTIVO DA PALMA FORRAGEIRA E CAPACIDADE DE SUPORTE NO CARIRI OCIDENTAL DA PARAÍBA

Suedson Magno Almeida Dias de Araújo¹, Daniel Duarte Pereira¹, Ewerton da Silva
Barbosa¹

¹Universidade Federal da Paraíba – UFPB/Campus II, Areia-PB, e-mail:suedsonm@gmail.com

RESUMO

A palma forrageira com a representatividade dos gêneros *Opuntia* e *Nopalea* sempre foi considerado o refrigerio dos rebanhos nos meses secos do ano e nas grandes estiagens. A dizimação dos campos de *Opuntia ficus-indica* pela Cochonilha do Carmim *Dactylopius opuntiae* que vem ocorrendo há mais de quinze anos no Cariri Ocidental da Paraíba vem sendo utilizada estratégia de replantio de áreas com variedades resistentes como a Orelha de Elefante Mexicana *Opuntia stricta*, Doce ou Miúda *Nopalea cochenillifera* e Baiana, Sertânia ou Mão de Moça *Nopalea* sp. Para avaliar o efeito deste replantio no âmbito da região se recorreu aos dados do IBGE referentes ao Censo Agropecuário 2017, Lavoura Temporária, Palma Forrageira e as variáveis: Número de estabelecimentos agropecuários, quantidade produzida e área colhida, para formação de um banco de dados que permitisse um melhor diagnóstico e a eleição de recomendações para uma melhor planejamento e gestão da cultura. Com exceção de municípios como Ouro Velho e Monteiro que apresentam número significativo de estabelecimentos que plantam, de Monteiro que apresenta número significativo de área colhida e de Taperoá que apresenta número significativo de produção por área, os demais municípios encontram-se muito aquém do que poderia se considerar uma capacidade de suporte realmente eficaz para convivência com os meses secos que ocorrem a cada ano e os períodos secos que ultrapassam muitas vezes vários anos seguidos. Sem desconsiderar o fato que é regra para ambientes semiáridos que a capacidade de suporte seja multiplicada por três para um melhor forrageamento de rebanhos.

PALAVRAS-CHAVE: Semiárido, Estiagem, Forrageamento

1. INTRODUÇÃO

A palma forrageira em especial as variedades dos gêneros *Opuntia* e *Nopalea* tiveram todo um incremento de cultivo a partir de iniciativas de campos de multiplicação no antigo Polígono das Secas na década de 30 do século passado para o primeiro gênero e de distribuição de raquetes/cladódios semente por Delmiro Gouveia em Alagoas para o segundo gênero no início do século passado.

Cultura extremamente estratégica para os produtores rurais do âmbito da atual Região Semiárida Brasileira – RSA paradoxalmente nunca mereceu maiores cuidados de implantação, manejo e condução só sendo lembrada nos períodos mais intensos de estiagem. A partir da constatação da praga denominada Cochonilha do Carmim

Dactylopius opuntiae que passou a destruir os campos de produção, em especial da variedade Gigante *Opuntia ficus-indica* é houve uma necessidade de se firmar o cultivo de variedades resistentes como a Orelha de Elefante Mexicana *Opuntia stricta*; Doce ou Miúda *Nopalea cochenilifera* e Baiana, Mão de Moça ou Sertânia *Nopalea sp* a partir de novas técnicas de plantio manejo, tratos fitossanitários entre outras ações.

A Microrregião do Cariri Ocidental Paraibano inserida na Mesorregião da Borborema, Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Norte e no Bioma Caatinga bem como na RSA fica localizada no segundo Polo Xérico do Brasil o que obriga os criadores a manterem sempre estoques ativos de palma forrageira no sentido de conviver com os meses secos característicos de todos os anos, e dos anos secos que muitas vezes se integram em dois, três ou mais resultando nas conhecidas secas/estiagens.

Entretanto, nem todos os municípios e estabelecimentos rurais parecem ainda terem desenvolvido políticas de cultivo das variedades resistentes o que pode em estiagens mais severas vir a ocasionar mortalidade e descarte de rebanhos por não haver a necessária capacidade de suporte do ponto de vista de forrageamento. Neste sentido, um diagnóstico em nível de municípios e estabelecimentos rurais pode vir a fornecer subsídios para uma melhor política de planejamento e gestão.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A partir do IBGE, Censo Agropecuário 2017, Lavoura Temporária, Palma Forrageira (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb//pesquisa/24/76693>) e as variáveis: Número de estabelecimentos agropecuários, Quantidade produzida e Área colhida foi formado um banco de dados no Microsoft Office Excel 2010 com os dezessete municípios que formam a Microrregião do Cariri Ocidental Paraibano. Este banco de dados permitiu a formatação de tabelas no Microsoft Office Word 2010 que por sua vez resultaram em um diagnóstico sobre o cultivo, produção e capacidade de suporte advinda da palma forrageira.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tabela 1 pode-se verificar que nos 17 municípios que formam o Cariri Ocidental da Paraíba existem 11.475 estabelecimentos rurais dos quais 1.640 (14,29%) cultivam a palma forrageira. O município que apresenta um maior percentual de estabelecimentos de cultivo é o de Ouro Velho seguido de Monteiro. Já o município que apresenta uma menor proporcionalidade é o do Congo, seguido de Parari.

Os dados apresentados permitem inferir que a maioria dos municípios ainda não se recuperou totalmente das perdas advindas da dizimação dos campos de palma Gigante pela cochonilha e que parece não estar havendo políticas públicas eficazes neste sentido nem transferência de tecnologia por parte dos diferentes órgãos de pesquisa e extensão. Outro fator que pode ser observado é a estiagem recorrente desde o ano de 2011 e ainda sentida em muitos municípios mesmo no ano de 2017.

Tabela 1 – Estabelecimentos que cultivam a palma forrageira no Cariri Ocidental Paraibano

Município	Total Estabelecimentos	Plantio de Palma Estabelecimentos	Estabelecimentos Palma/Total
-----------	------------------------	-----------------------------------	------------------------------

	n°	n°	%
Amparo	248	31	12,50
Assunção	161	15	9,32
Camalaú	698	08	1,15
Congo	415	02	0,48
Coxixola	259	04	1,54
Livramento	848	14	1,65
Monteiro	3.203	1.202	37,53
Ouro Velho	321	132	41,12
Parari	359	02	0,56
Prata	334	69	20,66
São João do Tigre	587	08	1,36
São José dos Cordeiros	540	06	1,11
São Sebastião do Umbuzeiro	347	31	8,93
Serra Branca	951	21	2,21
Sumé	905	48	5,30
Taperoá	1.033	31	3,00
Zabelê	266	16	6,02
Total	11.475	1.640	14,29

Fonte: Dados adaptados do Censo Agropecuário IBGE 2017.

Na tabela 2 podem ser observados os dados de área colhida e de produções municipal e por estabelecimento. O município que apresenta a maior área colhida é o de Monteiro seguido de Ouro Velho. Já o que apresenta a menor área colhida é o de Coxixola seguido de Zabelê.

Tabela 2 – Área colhida e produção de palma forrageira no Cariri Ocidental Paraibano

Município	Plantio		Palma		Área	Produção
	de	Palma	Produção	Palma	Média	Média
	Palma	Município	Municipal	Produção	Colhida	Est
	Est	Área Colhida	Total	Média Geral	Est	Est
	n°	ha	t	t/ha	ha	t/ha
Amparo	31	30,520	228,929	7,5010	0,9845	7,3847
Assunção	15	20,850	93,730	4,4954	1,3900	6,2486
Camalaú	08	13,700	245,060	17,8876	1,7125	30,6325
Congo	02	0,000	0,000	0,0000	-	-
Coxixola	04	6,000	114,000	19,0000	1,5000	28,5000
Livramento	14	10,550	31,135	2,9512	0,7536	2,2240
Monteiro	1.202	1.481,700	35.832,554	24,1835	1,2327	29,8110
Ouro Velho	132	111,992	4.854,559	43,3474	0,8484	36,7759
Parari	02	0,000	0,000	0,0000	-	-
Prata	69	76,000	1.738,000	22,8684	1,1014	25,1873
São João do Tigre	08	8,700	50,525	5,8075	1,0875	6,3157
São José dos Cordeiros	06	36,500	7,805	0,2138	6,0833	1,3006

São Sebastião do Umbuzeiro	31	72,000	869,890	12,0818	2,3226	28,0612
Serra Branca	21	13,500	153,490	11,3696	0,6429	7,3095
Sumé	48	42,250	193,570	4,5815	0,8802	4,0326
Taperoá	31	32,850	5.282,544	160,8080	1,0597	170,4082
Zabelê	16	8,390	56,740	6,7628	0,5244	3,5464
Total	1.640	1.965,500	49.752,530	25,3130	1,1985	30,3376

Fonte: Dados adaptados do Censo Agropecuário IBGE 2017 e Agenda do Produtor Rural BNB 2003. – Significa ausência de dados no IBGE. Est = Estabelecimentos

A área colhida totalizou 1.965,50 ha para uma produção equivalente a 49.752,53 t e uma média municipal de 25,3130 t/ha. Quando discriminados os dados para os estabelecimentos verifica-se uma oscilação de 0,5244 a 6,0833 ha/estabelecimento com um valor médio de 1,1985 ha/estabelecimento média para uma média de produção de 30,3376 t/ha com oscilações de 1,3006 t/ha a 170,4082 t/ha. O município de Taperoá apresenta uma alta produtividade/ha de palma forrageira embora os dados do IBGE não discriminem idade do cultivo nem variedade plantada.

Para Leite (2016) apud Araújo et. al (2016):

“a literatura atesta produções anuais de aproximadamente 55 toneladas de matéria seca/ha/ ano de palma, em condições de sequeiro, na região do Semiárido pernambucano. Provavelmente, nenhuma outra cultura apresente esta produção em matéria seca nas mesmas condições ambientais. De composição química variável segundo a espécie, clone, idade, época do ano e tratos culturais. A palma é um alimento rico nos nutrientes água, carboidratos não-fibrosos e matéria mineral, além de apresentar elevado coeficiente de digestibilidade da matéria seca e alta aceitabilidade pelos animais. No entanto, apresenta baixos teores de matéria seca, proteína bruta e fibra em detergente neutro”.

Quando verificada a capacidade de suporte oferecida pela produção da palma em nível municipal pode-se verificar que no Cenário 1 onde a capacidade de suporte (CS) de palma segundo o BNB é de 1,2 UA/ha, o município que apresenta uma maior CS é o de Monteiro, seguido de Ouro Velho que, por sua vez, apresentam as maiores áreas plantadas (Tabela3) havendo para os outros municípios oscilações de CS de 7,2000 a 91,2000 UA/município. Repete-se esta mesma situação para Monteiro e Ouro Velho no Cenário 2 com estimativa de CS de 5,0 UA/ha e oscilações para os outros municípios de 30,00 a 380,00 UA/município.

Tabela 3 – Capacidade de Suporte da palma forrageira estimada para o Cariri Ocidental Paraibano

Município	Palma Área Colhida ha	Capacidade de Suporte UA/ha	Cenário 1 UA/Município	Capacidade de Suporte UA/ha	Cenário 2 UA/Município
Amparo	30,520	1,2	36,6240	5,0	152,6000
Assunção	20,850	1,2	25,0200	5,0	104,2500
Camalaú	13,700	1,2	16,4400	5,0	68,5000
Congo	-	1,2	.	5,0	-
Coxixola	6,000	1,2	7,2000	5,0	30,0000

Livramento	10,550	1,2	12,6600	5,0	52,7500
Monteiro	1.481,700	1,2	1.778,0400	5,0	7.408,5000
Ouro Velho	111,992	1,2	134,3904	5,0	559,9600
Parari	-	1,2	.	5,0	-
Prata	76,000	1,2	91,2000	5,0	380,0000
São João do Tigre	8,700	1,2	10,4400	5,0	43,5000
São José dos Cordeiros	36,500	1,2	43,8000	5,0	182,5000
São Sebastião do					
Umbuzeiro	72,000	1,2	86,4000	5,0	360,0000
Serra Branca	13,500	1,2	16,2000	5,0	67,5000
Sumé	42,250	1,2	50,7000	5,0	211,2500
Taperoá	32,850	1,2	39,4200	5,0	164,2500
Zabelê	8,390	1,2	10,0680	5,0	41,9500
Total	1.965,500	1,2	2.358,6000	5	9.827,5000

Fonte: Dados adaptados do Censo Agropecuário IBGE 2017 e Agenda do Produtor Rural BNB 2003. – Significa ausência de dados no IBGE

Segundo Santos (2016) apud Araújo et. al (2016):

“ após definir forrageiras produtivas, capazes de elevar a capacidade de suporte das propriedades rurais, muito importante é a preocupação com a qualidade dessas forrageiras, uma vez que as secas, além de reduzir a quantidade de forragem produzida, diminui substancialmente a sua qualidade. Nesse sentido, a conservação de forragens se torna uma ferramenta indispensável para equilibrar tanto a quantidade quanto a qualidade das forragens produzidas”.

4. CONCLUSÕES

Mesmo com as distribuição de raquetes de palma por vias governamentais e as iniciativas particulares de aquisição e plantio, se verifica que muitos municípios do Cariri Ocidental estão muito aquém em termos de estabelecimentos que praticam o cultivo, produção e produtividade por unidade de área e, conseqüentemente, capacidade de suporte para os diferentes rebanhos. Os dados demonstraram que é urgente uma política pública de revitalização da cultura em moldes mais extensivos e tecnificados.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. S.; SANTOS, A. P. S. dos; LIMA, W. B. de; VIEIRA, M. F.; FREITAS, J. B. T. de; LIMA, M. C. de S. **Relatório da Oficina Estratégica de Segurança Forrageira no Semiárido em 29 e 29 de abril de 2016**. INSA-Campina Grande. 2016. 34 p.il.

BNB. Agenda do Produtor Rural 2003. BNB Gráfica Banco do Nordeste - Fortaleza:. 2003. 304 p. il.

IBGE. Censo Agropecuário 2017. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/pesquisa/24/76693>. Acessado em 15 de setembro de 2019.